4.º ANNO — N.º 20 * 2.ª SERIE * 1898 — AGOSTO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio,
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Jacobini,
Rev.mo Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Indias, Arcebispo do Algarve,
Bispo de Meliapor,
Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos, etc.

BRAGA
Typ. de I. M. de Souza Cruz
102, R. Nova de Souza, 106
—
1898

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

SUMMARIO: — *Ainda os ir.·. e a guerra.* — *Fiascos dos ir.·. lusitanos.*

Meu amigo.

A Hespanha declarou-se *officialmente* vencida. Após a *convenção* de Santiago, como dizem os jornaes d'aqui, á qual se quiz dar a côr de capitulação, e que no dizer da conceituada revista «*Le Pélerin*», se effeituou no momento mesmo em que os americanos desesperavam de a conseguir, — só restava á desventurada Hespanha humilhar-se ás exigencias do collosso americano. Estava previsto.

Mas os acontecimentos ainda não estão sufficientemente esclarecidos, para que deixemos de procurar fazer luz sobre a malfadada questão; antes, de dia para dia, vejo novos motivos para que nos empenhemos com maior ardor em desvendar os tramas dos chafarriqueiros, pondo bem a nú as responsabilidades das loj.·. no tremendo desastre da Hespanha.

A proposito leio na *Italia Reale*, de Turim, uma interessante correspondencia de Madrid, da qual vou archivar alguns periodos mais importantes. Posto que o meu amigo já a estas horas terá lido essa carta, no entanto o refrescar a memoria não fará mal; pelo contrario... Diz o correspondente de Madrid:

Para que os leitores da *Italia* possam facilmente estar ao facto das fraquezas, dos erros e... das traições (porque o não diremos, se apenas haverá quem o não veja?) do governo hespanhol na direcção d'esta guerra, vamos recordar-lhes alguns antecedentes e indicar-lhes certos factos que trazem muita luz á questão.

O factor principal, a mais terrivel das desgraças para a Hespanha, é mistér dizêl-o, é a maçonaria. O caracter que, por assim dizer, incarna e personifica esta maldita seita, é o seu odio insaciavel á Igreja de Deus e o seu provado antipatriotismo; qualidade esta ultima que mais a caracterisa em Hespanha precisamente porque em Hespanha Religião e patria são uma e a mesma coisa. Prescinda-se por um instante do elemento religioso, e o facto da existencia da nacionalidade hespanhola não tem explicação possivel. D'aqui o empenho da maçonaria, que tanto trabalhou para, nas Filippinas, tornar odiosos os frades, o mais forte baluarte da nacionalidade hespanhola no archipelago de Magalhães; e o muito que fez para cobrir de lojas maçonicas a ilha de Cuba, onde, depois de haverem corrompido o povo, o excitaram á rebellião e separatismo, de accôrdo com os altos mandões da peninsula.

Não se maravilhem os leitores de que affirmemos que o motor principal, para não dizer unico, das actuaes desgraças da Hespanha, é a Maçonaria, e que em Hespanha, — entenda-se bem — mesmo em Madrid, se prepararam as actuaes insurreições de Cuba e Filippinas, e que são obra sua os desastres que n'esta guerra com os Estados-Unidos, tem soffrido e continuará a soffrer.

Mação é Sagasta, actual presidente do governo hespanhol, e á maçonaria deve a sua posição, e essa aura de apparente popularidade que o rodeia; mações são tambem a maior parte dos politicos hespanhoes da actual situação, chamem-se liberaes, conservadores, republicanos ou *mestiços*, isto é, catholicos liberaes; mações são não poucos militares de elevado posto, entre os quaes o general Blanco, capitão general de Cuba, que se desacreditou sendo commandante em Barcellona, e não soube, ou melhor, não quiz prevêr e impedir a ultima insurreição das Filippinas, que se levantou sob o seu governo; mações eram, emfim, os *quatro quintos* dos deputados das ultimas camaras.

Com estas poucas indicações, é facil comprehender as irregularidades da guerra hispano-americana. Mas para tirar toda a duvida, e manifestar á luz do dia a cumplicidade do governo hespanhol presente e de todos os partidos liberaes, instrumentos mais ou menos conscios da maçonaria, seja-me permittido descer a particularidades, citando factos concretos que não deixam lugar a duvidas.

Não ha muitos dias, em um notavel artigo reproduzido em muitos jornaes, perguntava um ex-marinheiro: Quem trahiu a Hespanha? e, depois de haver examinado attentamente o modo como se houveram na presente guerra, respondia: «Não foi trahida na hora de combate pelos seus marinheiros, nem pelos seus soldados; foi, sim, trahida n'esses longos annos em que se descurou a sua marinha, foi trahida por essas camaras gárrulas que regateavam os meios necessarios, por essas administrações que preparavam navios a que tudo faltava; foi trahida por quem disse que um bom exercito bastava para defender Cuba, por quem lhe persuadiu que uma bôa marinha era um luxo custoso».

Tem sobeja razão o incognito articulista: os governos liberaes, executores ficis das ordens secretas emanadas da maçonoria, trahiram a Hespanha, reduzindo-a á impotencia em que se vê, com seus continuos esbanjamentos e com a sua pessima e corrupta administração.

No espaço de poucos annos a esta parte, a Hespanha depositou nas mãos de seus governos mais de *mil milhões* de francos, para augmento e conservação das forças de mar. Que fizeram d'esta enorme somma os governos liberaes? Ahi se vê: na hora do perigo, mal pôde contar a Hespanha com oito ou dez barcos mal esquipados, os quaes só serviram para fazer presumpçoso, basófio e fanfarrão ao inimigo, com as faceis victorias que sobre elles alcançou, e para provar ao mundo o que não era necessario provar-se: que a raça hespanhola não degenerou, apesar do seu apparente marásmo, e que os seus marinheiros são os dignos descendentes dos Charrucas, Gravinas, Méndez Nunez, e tantos outros. Onde foram então parar aquelles milhões?...

Mas, se nem os soldados nem os marinheiros hespanhoes trahiram a Hespanha na hora do combate, o contrario deve dizer-se dos dois governos que acabam de governar a Hespanha: o conservador, que foi presidido pelo desgraçado Canovas, e o actual dirigido ainda ogora pelo ir.·. Paz, Gr.·. M.·. da Maç.·., snr. Sagasta.

Vejâmo-lo de corrida, citando só os factos mais salientes.

Em setembro de 1896 soou nas Filippinas o primeiro grito de revolta; em poucos dias ficaram os insurrectos senhores de toda a provincia de Cavite, graças á impericia, para não dizer cumplicidade, do general Blanco. O governo de então, presidido por Canovas, cedendo á justa exigencia do povo e da rainha, viu-se obrigado a mandar ás Filippinas o illustre e catholico general Polavieja, o qual, valendo-se de toda a sua energia e dos seus admiraveis dotes de soldado, começou de combater o mal pela raiz, passando pelas armas a mais de cem potentados importantes, entre os

4.º ANNO — N.º 20 2.ª SERIE 1898 — AGOSTO

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

Origem do mal.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: A V. Ordem Terceira e as injustiças sociaes — Reivindicações operarias — Pensamentos justos — Bello exemplo — Acção da V. O. Terceira: Roma, Portugal, Italia, França, Belgica, Austria-Hungria. — Revista das Revistas—Santa Protectora para o mez de Setembro—Indulgencias, etc.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de Santa Rosa de Viterbo (continuação) — Pensamentos — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: O Diabo prégador (lenda da edade-media).
IV Parte — CULTO DE SANTO ANTONIO: Ladainha a S. Antonio — Novos Membros da Pia União: Lisboa—Braga—Vianna do Castello—Bragança—Varias partes — Recommendações — Os nossos defunctos.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Sobre o ensino classico — Bibliographia — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL — VARIA.
Gravuras: Portico do templo da Virgem (Jerusalem). — O Monte Thabôr. — A Porciuncula no tempo de S. Francisco. — O Santo Antonio da Aguardente (Porto). — Principe de Bismark.

Typographia de J. M. de Souza Cruz — Braga

Editor — Domingos José de Souza Gomes

A origem do mal

ANTES de ministrar a medicina ao enfermo, importa inquirir escrupulosamente ás causas e precisar o diagnóstico da doença. D'outra sorte, o remedio, longe de promover a cura, poderá talvez aggravar o achaque.

E' o que deve fazer, na ordem moral, quem pretender tomar sobre si a espinhosa tarefa de collaborar na reforma da sociedade actual. O espirito publico está saturado de idéas pagãs; a corrupção de costumes alastra-se d'um modo assustador; as condições sociaes são outros tantos laços armados ás virtudes individuaes: ai d'ellas se não estiverem cimentadas em convicções firmes e inabalaveis. Qual a causa d'um tão deploravel estado de coisas?

Digâmol-o desde já: é que a sociedade actual não é profundamente christã; e não o é, porque o christianismo consiste essencialmente na caridade, e esta vai-se apagando dos corações, para dar logar ao mais glacial egoismo.

Pretendemos ser filhos da Egreja Catholica, mas nosso modo de pensar e de vêr as coisas, mesmo debaixo do ponto de vista religioso, desmente por completo a etymologia d'estas palavras.

Com effeito: *Egreja* quer dizer *sociedade*, e *catholica* quer dizer *uni-*

versal. Fazendo parte d'uma sociedade, devemos ser — no sentido etymologico e natunal da palavra — *socialistas*, quero dizer homens preoccupados e solicitos do bem material e moral dos membros da sociedade.

Mas, longe de se praticar em harmonia com estas noções, — aliás tão obvias e claras, — a triste verdade é, que a maioria dos christãos vive em completo individualismo, deixando os seus similhantes á mercê de todas asdificuldades e agruras da vida, sem nada fazer, nada organisar no intuitode resolver ou prevenir essas difficuldades.

Mais ainda: ha até quem pretenda elevar essas praticas á categoria de maximas, e sustente que a Egreja não tem que preoccupar-se da vida material de seus filhos, nem de seus interesses, bem-estar e felicidade terrena. Theoria absurda e diametralmente opposta ao espirito do Evangelho, e á pratica de todos os bons christãos.

Presamo-nos de pertencer a uma Egreja *catholica*, isto é, *universal*, providencialmente fundada para acolher em seu seio e dar protecção e amparo a todos os membros do genero humano; e no entanto, o viver de muitos é regulado pelos principios do mais somitico e apertado egoismo. Nem sempre deixâmos tocar-nos das desgraças alheias, muito menos curâmos de promover o bem-estar e felicidade das gerações futuras, e o progresso social da humanidade apparece aos olhos de muitos como uma utopia, contra a qual devemos premunir-nos e precaver-nos.

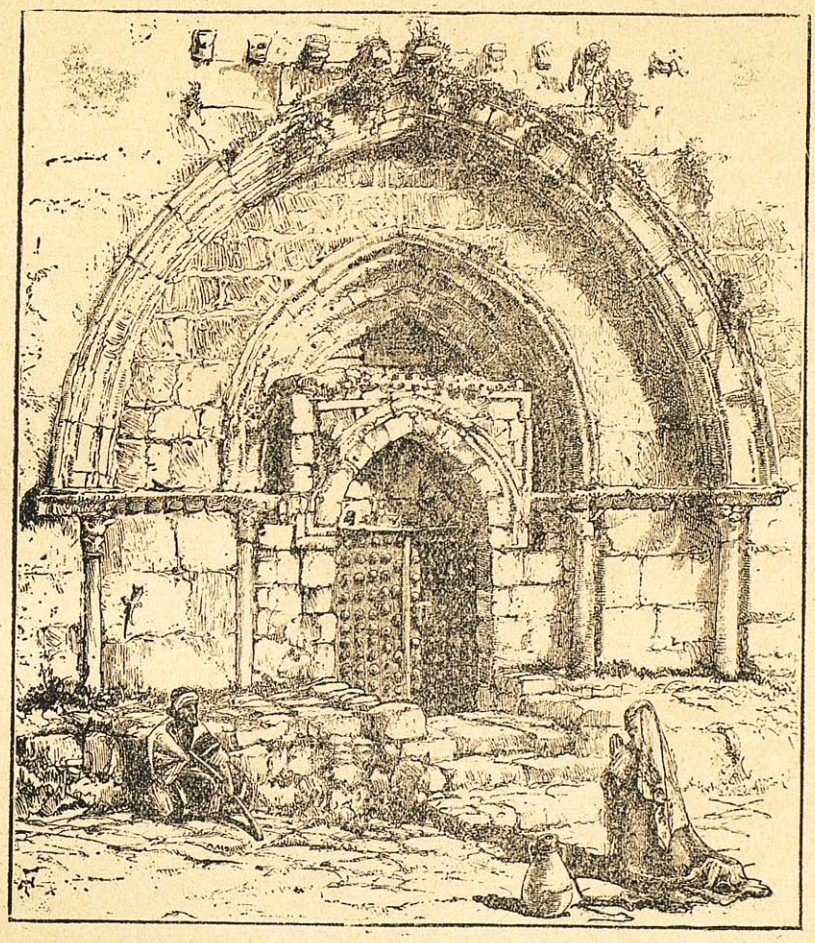
Este modo de conceber as coisas invadiu já até os dominios da piedade. Os meus leitores não me levarão a mal que eu cite exemplos, aliás insignificantes em si mesmos, mas de alta importancia e interesse pelo que revelam e denunciam. O particularismo, com effeito, tende a apoderar-se de tudo; assim é que, de uma pessoa piedosa, que frequenta os actos do culto, dizemos muito naturalmente que pratica *suas* devoções, que ouve a *sua* missa, que procura ganhar o *seu* jubileu, que resa o *seu* rozario, etc. E o mal insinuou-se tão subtilmente, que muitos dos meus leitores percorrendo estas linhas, não comprehenderão sequer o objecto e legitimidade d'estas criticas. E' que talvez não reflectiram ainda, que não ha um só acto de religião que, directa ou indirectamente, não tenha o proximo por objecto; e que, por consequencia, pretender trabalhar em *sua* salvação sem se preoccupar constantemente do bem-estar do proximo, é um contrasenso absoluto, cujas consequencias não podem deixar de ser desastrosas n'este mundo e no outro.

Depois de perder de vista o verdadeiro fim da religião, que é o progresso social e geral da humanidade em todos os sentidos e manifestações, limitaram-se aos meios, contra toda a razão convertidos em fins, e suppuzeram que as ceremonias, as praticas e formalidades externas, os jejuns, as virtudes negativas individuaes, constituem a essencia mesma da religião, e que, por consequencia, cada um tem apenas a contar comsigo para ser feliz e ditoso, n'este e no outro mundo. [1]

E' obvio quanto são prejudiciaes similhantes theorias, e quão oppostas

[1] V. *Le XX.me Siècle*, junho de 1898. N'esta acreditadissima revista véem formuladas as proposições que acima avançamos, e que a algum de nossos Leitores porventura se antolharão arrojadas ou menos verdadeiras.

ao espirito do Evangelho. Com effeito: o Mestre divino, ao ensinar os homens como deviam orar, quiz que pedissemos a Deus o pão *nosso* de cada dia. A *fracção do pão*, que Jesus praticou e prescreveu a seus discipulos, tem por fim não só unir os homens com Deus, mas tambem coadunar e prender os christãos entre si, com o vinculo d'um mesmo amor. Era a este banquete divino que os fieis dos primeiros seculos iam estreitar essa união sublime, que lhes fazia ter uma só alma, um só coração; era ali que iam retemperar as forças para resistir ás seducções e crueldade tyrannica dos perseguidores. O banquete eucharistico era o symbolo, não só da fraternisação dos corações, mas da communidade de bens que se praticava entre os christãos; e assim é que, segundo a disciplina de então, todos os fieis que assistiam ao sacrificio, commungavam a Sagrada Eucharistia.



PORTICO DO TEMPLO DA VIRGEM (Jerusalem)

Pois bem: é mistér destruir as falsas concepções da religião e substituir-lhe o verdadeiro ideal christão, que nos impõe o amor do proximo, tão ardente e sincero como o de nós

mesmos. E' este o grande preceito do Senhor: da sua pratica depende a regeneração e morigeração da sociedade.

E' por aqui que deve principiar toda a reforma social, se queremos que seja efficaz, duradoira, fertil em bons resultados. Pugnemos, pois, por que se extenda entre os homens o reino da caridade mutua, e a sociedade será reformada.

E' o que Jesus nos ensinou, quando nos mandou que pedissemos a Deus o advento do seu reino. *Adveniat regnum tuum.*

SECÇÃO DOUTRINAL

A Veneravel Ordem Terceira e as injustiças sociaes

Reivindicações operarias

VII

O JUSTO SALARIO

O MAIOR flagello n'este ponto é a desesperada inclinação que todos téem de fazer prevalecer a lei brutal da offerta e do pedido.

Acautelemo-nos de não confundir o puro e simples funccionamento da offerta e do pedido com essa estimação, *communis æstimatio,* que, no parecer dos antigos doutores, é o orgão que determina os valores. Suppõe-se que esta estimação está conforme com principios verdadeiros e apraz a homens sensatos que vêem as coisas sabia e desaffrontadamente: não é pois a consagração da lei do mais forte.

Releva seriamente a quem quizer ser justo na determinação dos salarios que se preoccupe com a gravidade da situação e não abuse de sua auctoridade e superioridade. «Explorar a pobreza e a miseria e especular sobre a indigencia, são coisas repugnantes, condemnadas pelas leis divinas e humanas».

Cumpre dizer que se não ha escrupulos n'uma materia de tanta responsabilidade, facilmente se cahirá diante do interesse pessoal, e inevitavel será o despenho nas injustiças.

Como não rodariam harmonicamente as machinas do organismo operario se todos e cada um de nós ambicionasse um proceder incorrecto n'um assumpto tão melindroso! Não se nos affigura as mais das vezes que somos liberaes em demasia pelo que toca aos salarios e não procuramos até, para restringil-os, envolver os operarios em apuros que os forcem a um offerecimento servil dos seus braços?

Não vale dizer que o operario está em vias de abusar de seu salario, e que em sendo mais grosso o seu peculio, engrossará tambem o exercito dos fortes contra os fracos: este modo de vêr é indigno d'uma classe da qual a riqueza e a instrucção reclamam o dever de dar exemplos de justiça no julgar das coisas.

E' um ponto controverso o saber se esse *minimum* abaixo do qual a justiça não permitte que se desça o salario, se deve de estender tambem ás necessidades da familia do trabalhador: por outras palavras, se o justo salario deve de ser *familiar.*

Notemos d'antemão que a pretenção dos trabalhadores a encontrar no seu trabalho um fundo de conservação para as suas familias, não tem nada de exagerado, e que repudiar violentamente o principio d'uma obrigação contra a qual só póde prevalecer a impossibilidade em certos casos excepcionaes, não é de boas consequencias para o bom andamento social.

E' certo que a questão de stricta justiça do salario familiar não reconhece na Encyclica uma solução expressa: mas o contexto e o todo d'este precioso documento revelam-se-nos pela parte affirmativa.

Effectivamente, a vida de familia pertence ás necessidades mais indispensaveis *do trabalhador sobrio e honesto;* pois que a mesma razão que imprime ao salario *minimum* o caracter de necessidade *(o homem precisa do fructo de seu trabalho para conservar a existencia, e deve conservar a existencia para obedecer ás leis immudaveis da natureza* [1]*),* essa mesma se acha nas re-

[1] Vêde o n.º 19 da *Voz de S. Antonio,* pag. 580, 581.

lações que elle tem para com a familia *(a natureza impõe aos paes de familia o dever sagrado de nutrir e conservar os seus filhos* [1]*)*. Nunca se deveria de esquecer as palavras do auctorisado P. Eschbach sobre o assumpto, que explicam evidentemente como a *sustentação* do operario comprehende as necessidades *ordinarias* da vida de familia.

Todas as difficuldades com que se costuma objectar, são indignas de homens sensatos, e poder-se-hiam desfazer brilhantemente com um argumento *ex absurdis*. Respondeu-se-lhes já muita vez que defendendo o salario familiar, nunca perdemos de vista a media ordinaria das necessidades familiares, deixando os casos particulares de crises industriaes ao cuidado de instituições profissionaes, protectoras e corporativas.

A unica escusa razoavel, para se negar o salario sufficiente, seria a falta de recursos industriaes; mas ainda assim cumpre notar que o fallir das industrias não é sempre auctorisado de justiça a descer os salarios abaixo do *minimum*. Os beneficios dos dias prosperos, nota o Conego Perriot [1], «tendem precisamente a atalhar as difficuldades dos dias ingratos».

Seria, pois, erro grande o pensar que não ha no humano trabalho com que responder ao *crescite* e *multiplicamini* da Escriptura. Por outra parte, parece bem fundada a esperança de que um estabelecimento geral de praticas e instituições, tendentes a firmar o principio da sufficiencia familiar do salario, é um elemento possante da harmonia economica e um remedio contra as crises que nos assoberbam. Assim pensa um distincto sacerdote, M. Villeneuve [2]: «succeder-se-hão os productos agricolas, industriaes e outros fructos do trabalho humano e firmarão a prosperidade commercial, quando os paes de familia, sufficientemente retribuidos de seu trabalho, poderem procurar por si esses productos e consumil-os no lar domestico». Este modo de encarar as origens da prosperidade material, adapta-se admiravelmente á maxima evangelica, *procurae antes de tudo a justiça*. Oxalá que isto seja incentivo poderoso para que aquelles de que pende o salario dos operarios entrem corajosamente na estrada progressiva das reformas sociaes talhadas a consagrar os principios do justo salario.

[1] *L'Ami du Clergé*, Abril de 1895.
[2] *Seculo XX*, Abri de 1895.

VIII

ACCESSO Á PROPRIEDADE

Legitima de vez é essa aspiração que leva os trabalhadores a sahir do proletariado, a elevar-se por sobre a situação do homem que só tem para viver o salario dos seus braços e que deseja fruir a sua parte de propriedade.

A Encyclica ambiciona que se trabalhe por tapar o abysmo que divide as duas classes: — «Se n'esta multidão se animar a industria com a esperança de alcançar alguma propriedade estavel, irão-se pouco a pouco avisinhando as duas classes uma d'outra, por desapparecer a immensa distancia entre a summa opulencia e a summa pobreza».

A aspiração dos trabalhadores á propriedade tem de ser garantida pelas economias, para o que se requer que a economia popular seja possivel, protegida e alentada. Terá ella a efficacidade anhelada pela Encyclica desde o momento que «o operario receba um salario tal, que possa cobrir *facilmente* as suas necessidades e as da sua familia».

Esta economia tem um caracter sagrado, comtanto que «a propriedade particular não seja chupada por tributos e impostos exorbitantes. Como o direito da propriedade particular não vem das leis humanas, mas da mesma natureza, não póde o estado abolil-o, mas tão sómente regular o seu uso e harmonisal-o com o bem commum; e portanto exigir dos particulares debaixo do nome de impostos mais do que é justo, é injustiça e deshumanidade».

Não é, pois, condemnavel a aspiração do proletariado a um estado melhor. A nós incumbe trabalhar pela realisação das suas esperanças, pela reconstituição e veneração da propriedade pessoal do trabalhador debaixo d'um regimen industrial que tanto propende a destruil-a.

IX

ARRIMO DOS TRABALHADORES Á ASSOCIAÇÃO

A associação é indicada pelo Papa como um remedio efficaz contra o abatimento

dos trabalhadores na ordem economica. Por via d'ella pódem elles escapar aos horrores d'esse isolamento que nos veio depois da destruição das antigas Corporações e que, desde a Revolução até hoje, é tido pela mesma legislação na conta de essencial ao moderno regimen do capital.

Na associação pódem os trabalhadores encontrar defeza para os seus direitos e manancial de prosperidades para a sua condição.

Os beneficios da associação não são, diga-se a verdade, sonegados *theoricamente* á classe operaria. Mas na pratica menospreza-se um movimento de que fluem as mais bellas e importantes consequencias sociaes, cuida-se pouco de lhe imprimir uma direcção razoavel e christã que lhe garantam um bom exito, e... não ha acaso entre nós os obstaculos da inercia, da resistencia e d'uma critica pungente?

Um ponto de discussão tem contribuido, ou antes, servido de pretexto á nossa inacção: pergunta-se se as associações de operarios, particularmente os syndicatos, pódem ser exclusivamente fundadas por elles independentemente de seus patrões.

A linguagem da Encyclica é ainda aqui bem clara. A proposito das corporações renovadas segundo as condições novas da epocha, diz o Summo Pontifice: «Vemos que se vão formando por toda a parte associações d'estas, umas compostas só de operarios, e outras mixtas de operarios e patrões: bemvindas sejam ellas, e oxalá vão crescendo em numero e em efficacia de acção».

(Continúa)

Pensamentos justos

A regra da Ordem Terceira é um vallado dentro do qual se observam os divinos mandamentos.

(Ven. BERNARDINO DE BUSTIS, O. F. M).

*

A Ordem Terceira é na Egreja o que a maçonaria na revolução.

(MONSENHOR SEGUR).

*

Pela Ordem Terceira se ha de reparar a Egreja e as quebras e prejuizos d'ella.

(*O Senhor á Ven. Soror Maria de La Antigua*).

*

Em breve os Terceiros formaram por todo o mundo uma familia, que deu grande impulso á piedade popular, e foi o que desejava o Santo Fundador, — maravilhoso antemural da Egreja, firme defeza e cooperação do braço ecclesiastico, poderoso e efficaz moralisador dos costumes publicos.

(F. SARDÁ E SALVANI, *Prop. Cath.*)

Bello exemplo

O Barão de Livois (França), mestre de noviços da Fraternidade e director da *Hospitalidade da noite*, refere-nos em seu relatorio este passo commovente:

Uma bôa donzella (Terceira Franciscana), de modesto viver, recebia ha dias a visita d'um pobre sacerdote que tambem não tinha que dar a seus pobres, e sabia muito bem por experiencias que nunca ficava mal servido o que recorresse á excellente menina.

No ponto em que lhe entrava em casa notou no seu aspecto uma tal ou qual perturbação, e perguntou-lhe a causa.

— E' que eu.../ respondeu a bôa da Senhora, vacillando e turbando-se ainda mais, eu estava em vias de... pagar o concerto d'uma das minhas botinhas a vêr se chega até ao fim d'esta epocha.

— E porque não compra umas novas?

— Porque com 15 francos que ellas me custariam posso eu fornecer de calçado os pobresinhos.

— Eu venho precisamente pedir-vos uma esmolinha, tornou o padre.

— A piedosa menina volta-se para sua secretaria, toma uma nota de 1:000 francos e entrega-a ao padre na mão esquerda.

— Porque é com a mão esquerda, perguntou elle, sorrindo-se?

— Porque a minha mão direita nada sabe, de contrario poderia negar-se a pegar mais em botinhas velhas.

Acção da Veneravel Ordem Terceira[1]

«Eu quero-vos a todos no Paraizo», exclamava o Patriarcha S. Francisco, annunciando ás multidões a celebre indulgencia da Porciuncula.

Quasi do mesmo modo falava o Santo no dia em que na sua Ordem Terceira se alistaram os dois primeiros soldados — Lucio e Boona Donna: «Eis o meio de ganhar com certeza o Paraizo».

[1] Devemos este bello artigo á penna do nosso respeitavel amigo o P.e Julio do Sagrado Coração, Commissario geral da Ordem Terceira na França, e talvez o homem que, depois do Papa, se empenha hoje com mais ardor na propagação da Ordem Terceira.

De facto, a Ordem Terceira concorreu soberanamente em todos os seculos para a santificação das almas e para à prosperidade das sociedades: operou maravilhas.

Todavia esta instituição perdêra muito de sua virtude e de sua força. Não faltou quem a tivesse por um anachronismo dos nossos tempos; e como a sua historia não se póde occultar, procurou-se acreditar maliciosamente que a Ordem Terceira, aliás util, beneficente na Edade-Media, era archaica, inefficaz, impotente para hoje em dia.

Mas desilludi-vos, diz Leão XIII, porque os males que nos affligem na actualidade estão cheios de analogias com os que desolavam o seculo XIII: os mesmos remedios produzirão os mesmos resultados, «com tanto que a Ordem Terceira volte ao seu primitivo estado». *(Auspicato)*.

E' a idéa que inspira e determina as acções. Vejamos pois a idéa que preside á Ordem Terceira para depois lhe apreciarmos a acção. Aquilatada esta, facilmente se poderá discutir os meios a empregar para que ella seja toda fecundidade.

I

Não me cumpre agora dizer mais do que o que disse no Congresso de Limoges. Os que manusearam as *Actas* já sabem qual é o meu ideal sob o ponto de vista da idéa que se ha de fazer da Ordem Terceira. O mesmo Santo Padre recebeu com agrado as memorias do Nosso Congresso; e em troco d'esta nossa homenagem encheu-nos de felicitações, de alentos, de bençãos.

N'esse Congresso deu-se já um grande passo. As idéas emittidas em Paray, idéas aliás havidas por temerarias e petulantes aos olhos de muita gente, receberam com o Breve Pontificio de 22 de Setembro de 1894 a mais elevada, a mais explicita approvação que nem os votos emittidos em semelhantes reuniões jamais mereceram.

A nós só nos cumpria avançar.

Seguindo o programma traçado pelo Presidente, o Congresso de Limorges assentou como base as decisões e os votos do Congresso de Paray inspirados á farta na Encyclica *Auspicato*.

Com os olhos cravados na Encyclica *Rerum Novarum*, podemos examinar desassombradamente como o individualismo, os maus costumes, os erros sociaes, a immerecida miseria, a injustiça reconheciam um remedio efficaz na Ordem Terceira.

Em 18 d'Outubro (1895) tinha eu a insigne honra de ser recebido em audiencia pelo Soberano Pontifice e conjunctamente comigo entravam Leão Harmel e o Abbade Beller. O assumpto que para logo veio á balha foi a Ordem Terceira que acabava de ter dois Congressos successivos, o de Limoges na França e o de Assis na Italia.

Sua Santidade interessava-se visivelmente por tudo que dizia respeito ás proprias minudencias da organisação: «Crêdes, filhos meus, que a Ordem Terceira produz na França os resultados que aguardamos d'ella?

—Santo Padre, lhe dizia eu, antes das Vossas Encyclicas, a Ordem Terceira era apenas tida na conta d'uma piedosa, d'uma *innocente* confraria. Hoje em dia, graças ás urgentes e multiplas instrucções de Vossa Santidade, procura-se dar-lhe o cunho da sua acção social...

— Sim, *social,* retrocou o Santo Padre, tomando-me a palavra, *social,* como S. Francisco, por via de instituições fazendo-a entrar nas multidões, em todas as camadas da sociedade.

***

Mas como attingir este ideal?

Antes de tudo querem-se christãos, verdadeiros christãos, bem entrados do espirito do Evangelho e manifestando este espirito por uma pratica exacta em todas as circumstancias, na vida publica como na vida privada.

Ah! Não poderiamos dizer com verdade que se em nossos dias ha muitos catholicos, não ha todavia muitos *christãos verdadeiros?*

Ora, é precisamente á formação de verdadeiros christãos que se destina a Regra da Ordem Terceira e o espirito que d'ella mana por sobre os filhos do Seraphico Patriarcha. Ao depois entre-se corajosamente nas multidões, animem-se mais e mais as instituições.

Os nossos Congressos, levam esta mira, concorrem grandemente para que os Terceiros formem um corpo cerrado e se colliguem valentemente contra os inimigos

de Deus e das almas, e estabeleçam emfim o reinado social de Jesus Christo.

Não faltaram ahi resoluções, e poz-se mãos á obra. E se as nossas esperanças e desejos não foram completamente cheios e realisados por um resultado subito, extraordinario, miraculoso, temos de confessar que a idéa não cahiu em terreno arido, e desde então até hoje longo é já o caminho andado.

Ha coisa de tres annos, se exceptuarmos as Revistas affectas á Ordem Terceira, não se via na imprensa catholica semelhante palavra. Ordem Terceira e confraria era para muitos uma só e a mesma coisa.

Hoje em dia a imprensa abre-nos as suas columnas, publica os nossos programmas, dá conta das nossas reuniões: para melhor se comprehender a força social da Ordem Terceira, não duvidou publicar sobre o assumpto dignos trabalhos justamente apreciados.

Ainda não ha muito (1896) que no Senado belga, M. Keesen, estribado na palavra do Papa, indicava a Ordem Terceira como o meio mais efficaz de inocular no operario a dóse sufficiente de religião necessaria á sua moralisação.

E' assim que a idéa do Papa vae pouco e pouco entrando os espiritos e predispondo a acção.

Não basta orar: urge trabalhar.

Mas «ha muita gente que não gosta de Congressos», dizia-me alguem, aqui ha tempos.

Tambem eu não lhes sou lá muito affeiçoado, poderia muito bem dizer-lhes, se é que por *Congresso* entendeis uma viagem recreativa, um mudar d'ares, uma apreciação dos talentos oratorios, e até um cavaquear animado com pessoas eminentes pela sabedoria, pela educação, pelas virtudes.

Mas se por *Congresso* entendeis reuniões em que os homens de boa vontade communicam suas idéas, os resultados de sua experiencia para se animarem, para se entenderem, para combinarem os esforços n'uma commum acção para o bem, então os Congressos são uteis, muito uteis e fecundos. Não ha coisa melhor, mais conforme com o espirito da Egreja, mais azada a estabelecer a união que faz a força.

Roma

Joanna d'Arc. — A Sagrada Congregação dos Ritos examinou e approvou (28-6-98), a validade das actas, do processo apostolico feito em Orleans sobre as virtudes e milagres da Ven. Joanna d'Aarc. Vae-se proceder á discussão minuciosa até á terceira instancia sobre os seus milagres e virtudes.

A Ven. Izabel Sanna. — Espera-se tambem com anciedade a canonização d'esta Ven. Serva de Deus, cuja causa foi introduzida na Sagrada Congregação em 1879.

Esta ensigne Terceira Franciscana morreu em Roma no meiado d'este seculo, e é proposta como exemplar ás Terceiras nos tres estados, de donzella, casada e viuva.

Portugal

Irmandade das senhoras viuvas. Foi inaugurada solemnemente no dia 2 de julho, sob a protecção da Rainha Santa Isabel, Terceira Franciscana.

«Esta piedosa instituição é obra da Rainha viuva Snr.ª D. Maria Pia e tem por fim visitar e consolar os enfermos nos hospitaes, e levar soccorro ás suas familias, que porventura tenham ficado á mingua.

Referindo-se ao facto, diz o *Correio Nacional* de 5 de julho:

Esta piedosa Irmandade já tinha os seus estatutos approvados pelas auctoridades ecclesiastica e civil, e estava enriquecida com muitas indulgencias pelo Santo Padre Leão XIII e pelo nosso Eminentissimo Prelado. Carecia apenas de ser definitivamente inaugurada, como acaba de ser pela sua augusta presidente, Sua Magestade a Rainha Snr.ª D. Maria Pia, presidente de direito, porque é a primeira viuva d'este paiz, e presidente pela bondade do seu coração que a levou a agremiar em volta de si todas as que sentem as maguas da viuvez e a necessidade de suavisal-as offerecendo suffragios pelas almas d'aquelles que perderam. Que precioso ramo de saudades para depôr na campa dos mortos queridos, será a offerta do conforto espiritual levado aos que gemem no leito do hospital, e a esmola levada aos que ficaram na miseria!

«Foi no ministerio do reino que Sua Magestade se dignou presidir, lendo uma singela allocução muito commovente, e distribuindo depois pelas suas proprias mãos a insignia da Irmandade a todas as senhoras presentes.

«A primeira visita ao hospital teve lo-

gar hontem pelas 4 horas da tarde, percorrendo Sua Magestade as enfermarias, parando ao lado de cada leito, com uma solicitude verdadeiramente maternal, conversando com as enfermas, dirigindo-lhes palavras de conforto e recebendo as suas petições.

«As senhoras que acompanharam a Rainha 'nesta primeira visita foram: marqueza de Rio Maior, condessa de Penha Longa, viscondessa d'Asseca, irmã; D. Rosa Mendes Leal, D. Maria da Luz Murta Camara, D. Constança Pombeiro, D. Carolina Osorio, D. Maria Amalia Larcher, D. Emilia Barbosa Rego, D. Heloisa Moraes Costa, D. María Ignacia Villa Real, D. Victoria Oliveira Martins, D. Maria Augusta Brito Oom e D. Maria da Conceição Sequeira Seabra.

«Esta Irmandade já conta para cima de setenta senhoras.

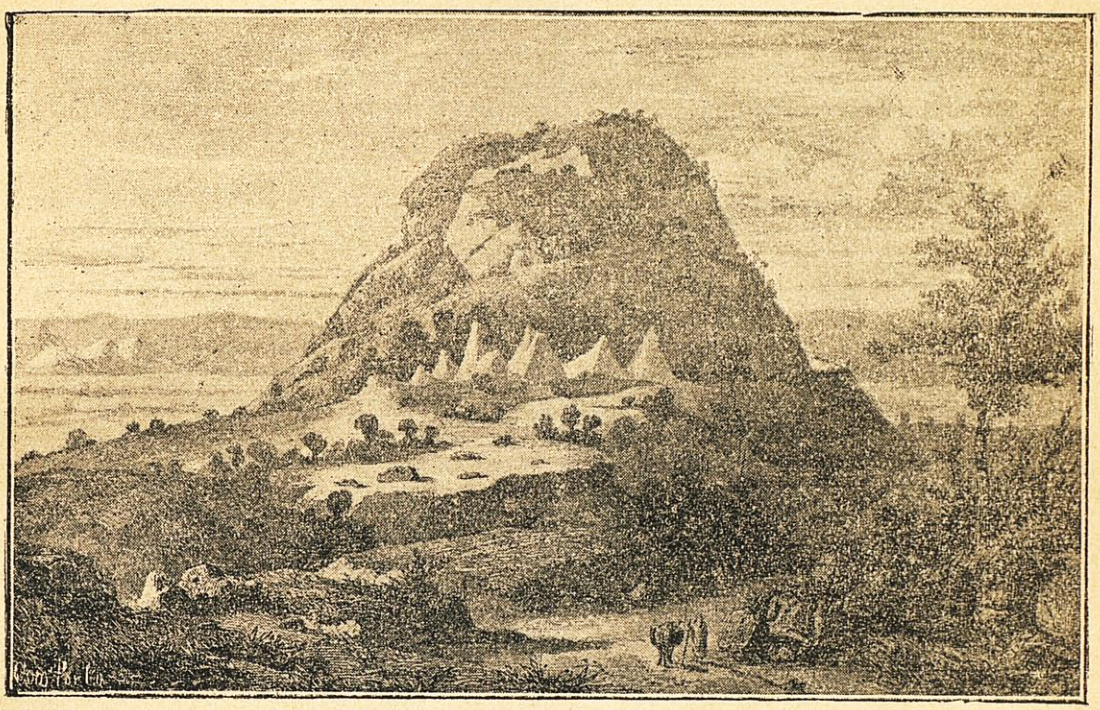
Que Deus Nosso Senhor se digne abençoar esta piedosa empreza, que póde vir a prestar tantos beneficios aos desgraçados».

Italia

Notavel Conversão. — Lê-se na *Revue Franciscaine*, de Agosto: — Francisco continua a agitar o mundo. Entre as pessoas mais eminentes que visitaram por estes dias Nossa Senhora dos Anjos, citaremos o Administrador Apostolico da Servia, P. João Vugicié, da Ordem dos Frades Menores, e muitos generaes do exercito italiano.

D'um grupo de Americanos, destacava uma pessoa com trajes de religiosa franciscana e notavel pela sua devoção. Dil-a-hieis com certeza uma Filha de S. Francisco.

No ponto em que recolheu á sacristia, e eu lhe fiz algumas perguntas, em continenti abaixou os olhos e disse modestamente: «Meu Padre, sabei que sou *heretica*. Não posso, pois, acceitar esses objectos de piedade que tanto préso: mas não quero illudir-vos: o *o amor que tenho a S. Francisco me levou a fundar a*



O MONTE THABÔR

sua Ordem Terceira em New-York, que eu chamaria Ordem d'Expiação. Agora resolvi-me estudar S. Francisco nos mesmos logares que elle santificou, para melhor me entrar de seu espirito».

Depois de ter ouvido com interesse o que se lhe disse do espirito de S. Francisco e da Ordem Terceira, e, convencida já de que é um espirito de respeito e de submissão á Santa Egreja Romana e ao Vigario de Jesus Christo, recebeu juntamente com lembranças um cathecismo Catholico bem explicado, retomou o caminho do Novo Mundo na persuasão de que S. Francisco era o Santo que póde bem resolver a questão social.

Galvani, Terceiro Franciscano. — Os periodicos franciscanos, presididos pelo *Petit Messager de saint François*, acabam de reivindicar para o catholicismo e para a Religião Seraphica uma gloria que o livre-pensamento queria roubar-lhes. O celebre inventor do galvanismo, sobre sêr catholico fervoroso, era Terceiro Franciscano.

Tomava o habito no Convento dos Franciscanos de Bolonha em 26 de maio de 1779, professava aos 19 de junho de 1780 e morreu em 1798 com sentimentos de profunda piedade.

A «Divina Comedia» de Dante. — Sahiu a lume na Italia uma nova e muitissimo bem trabalhada edição da monumental *Divina Comedia* de Dante. Como nota o *Echo de saint François et de saint Antoine*, deve-se aos Franciscanos a conservação do original.

Dante, effectivamente, era um membro illustre da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, e os Frades Menores guardaram cuidadosamente como um inapreciavel thesouro o seu immortal trabalho que, 300 annos depois, corria impresso em todas as linguas que téem uma litteratura.

Tem as honras de sêr um dos melhores traductores do Dante um Franciscano, João de Senavalle, Bispo de Rimini. A sua traducção em latim evidencía que o nome do auctor era universal. João de Senavalle, delegado do Papa ao Concilio de Constancia em 1416, viu com espanto que os Prelados da França, da Allemanha, da Inglaterra e da Hespanha fallavam com enthusiasmo do immortal poeta e anceiavam por apanhar-lhe as obras.

Foi então que de Senavalle lhes prometteu uma traducção latina, depois da qual se multiplicaram indefinidamente outras em diversas linguas.

França

Mgr. Latieule, Bispo de Vannes. — A *Revue Franciscaine*, de Agosto, insere na sua *Galeria Franciscana* de Terceiros notaveis do seculo XIX, o nome do virtuoso prelado successor do chorado Mgr. Bécel, tambem elle Terceiro Franciscano.

João Baptista Latieule, nasceu em Saint Mayme, perto de Rodez, no dia 2 de Julho de 1838. Tendo cursado com distincção os estudos, M. Latieule ordenava-se de Presbytero em 1864, e votava-se energica e fructuosamente ao santo apostolado da prégação.

Por morte de M. Noyriguat, cura de Laissac, Mgr. Bourret, Bispo de Rodez, confiava em 1876 este encargo ao já conhecidissimo P.e Latieule. Não se forrando a sacrificios, amante decidido dos Franciscanos, o P.e Latieule não duvidou filiar-se na Ordem Terceira com o nome de Fr. José.

Em 1882 era nomeado conego honorario e em 1886 cura de Saint-Amans de Rodez, cargo que desempenhou por 12 annos, dirigindo a Fraternidade dos Terceiros que elle mesmo ali instituira.

Sua Santidade Leão XIII conferia-lhe em 1888 a decoração *Pro Ecclesia et Pontifice*.

A fama crescente do virtuoso sacerdote fazia suspeitar que lhe seria confiada uma diocese, e de facto o P.e Latieule foi confirmado Bispo de Vannes no consistorio de 24 de Março, e em 29 de Junho foi consagrado Bispo na egreja cathedral de Rodez, no meio d'um immenso concurso de fieis. Assistia á funcção um sobrinho do digno Prelado, que é actualmente religioso Franciscano. A preciosa mitra de Sua Exc.a foi uma offerta preciosa da Fraternidade de Saint-Amans.

Ad multos annos.

Por que não ha Congresso?—Tem-se perguntado porque não ha este anno o já tradicional Congresso da Ordem Tercira.

Não ha effectivamente Congresso. Os Congressistas de Nimes julgaram opportuno não o convocar este anno a vêr se se põem em pratica e radicam bem as conclusões adoptadas em Paray, Limoges, Reims e Nimes.

Este anno, pois, é anno de experiencias, de pratica, de acção. Nos Congressos acodem novas idéas, indicam-se meios novos d'acção mas tudo isso requer pratica christã. Isto mesmo aguardam os iniciadores e os directores do movimento social dos Terceiros, e faça Deus que elles vejam realisados os seus desejos, e elogiem o zelo dos Terceiros logo que se reuna o novo Congresso, que se diz ser em Tolosa.

Belgica

Um Senador belga, Terceiro.—Sua Santidade Leão XIII acaba de elevar á dignidade de camareiro secreto o valente defensor dos direitos de Deus e do povo, M. Keesen, Terceiro de S. Francisco.

N'uma sessão de Junho de 1896, falava assim o corajoso publicista :

«Firmado na experiencia, posso assegurar que uma certa dóse de religião, um christianismo vago e superficial, uma educação catholica levemente apanhada não tem força para segurar as multidões, tão potentes e imperiosas são as seducções que as arrastam.

«São só os operarios sinceramente catholicos, profundamente votados a seus deveres religiosos, os operarios piedosos e devotos, são estes só os que escapam ao contagio.

«Tenho, Senhores, a felicidade de poder arrimar-me á opinião do Chefe da Egreja em apoio do facto. Ha um certo numero de actos no seu Pontificado nos quaes em vão se diria não estar expresso o seu ideal.

«Quando se lhe pergunta qual é no seio da Egreja Catholica a associação que diz mais com as necessidades da epocha e a mais efficaz para atalhar os progressos do socialismo na classe operaria, elle responde sempre e invariavelmente: A ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO».

S. Francisco e o Socialismo na Camara belga. — M. Hellepute, professor na Universidade de Louvain e Terceiro Franciscano, distinguiu-se ultimamente no Parlamento Belga pelo modo brilhante como repelliu as pretensões socialistas, recorrendo aos perennes mananciaes do espirito de S. Francisco.

«N'uma epocha, dizia o eloquente orador, n'uma epocha cheia de semelhanças com a nossa, na qual a sêde dos prazeres e o sordido interesse tudo invadiam, *Francisco d'Assis querendo reformar a sociedade não aspirou á supremacia politica, não ambicionou as redeas do Governo para impor a todos o seu poder, nem sequer apeteceu formar parte d'uma Camara popular, como rosna alguem aqui ao meu lado...*

«Era joven, galante, afortunado, amava os prazeres. Depois despojou-se de tudo, envergou o burel, e, como elle proprio o diz n'uma linguagem de sublime poesia, «desposou a sua dama — a pobreza».

«Os sabios, segundo o mundo, houveram-no por louco! Mas milhares de christãos lhe seguiram as passadas, e foi então que se fundou *essa Ordem admiravel, que ainda hoje floresce com tanto viço e que, rendida á voz do Papa, corre a salvar o mundo pela segunda vez!*

«Senhores da esquerda: quando vós imitardes a Francisco d'Assis, quando vos applicardes a vós mesmos as theorias que apregoaes aos outros, quando largardes vossos vestidos finos para os substituir do burel, quando baixardes ao *atelier* d'esses operarios que chamaes a porção mais querida da humanidade, quando derdes aos pobres todos vossos bens, quando sobretudo, nos momentos da prova em que o pêso do sacrificio esmaga implacavelmente a debil humanidade, fôrdes como Francisco d'Assis por fria noite d'inverno atirar-vos á sarça para que, sulcando as carnes com seus espinhos, possaes suffocar as dôres moraes na intensidade das dôres physicas, então sim, que se vos dará credito.

«E caber-vos-ha d'antemão essa gloria?

— **O snr. Cavrot.** — Isso é uma loucura!

— **O snr. Hellepute.** — Loucura isto? Sim, é loucura: loucura da Cruz ensinada de cima do Golgota pelo Christo agonisante... Loucura dos Santos que salvou, que civilisou os mundos! Porque no dia em que ella perecer, perecerá o mundo.

Tal é a differença entre os Santos do christianismo e os santos do socialismo. Os primeiros começam a reforma das sociedades pela reforma de si mesmos; os segundos antes de se reformar a si querem que se reformem as sociedades. Os santos do catholicismo téem nas doutrinas que proclamam a bastantissima fé para pratical-as; os santos do socialismo são tão convictos das suas utopias que são forçados a recorrer ao supremo argumento — só pela força se leva a humanidade.

Austria-Hungria

Ordem de Santa Isabel, Terceira Franciscana. — Lê-se no *Jornal do Commercio*, de 22 de Julho:

«Por occasião das proximas festas do jubileu do reino, o imperador Francisco José creará uma nova ordem especialmente destinada ás damas. Esta ordem, collocada sob o patrocinio de Santa Isabel, rainha da Hungria, será concedida ás mulheres de todas as condições sociaes, que, quer na beneficencia, quer no ensino, quer nas lettras, tenham adquirido meritos a ella.

«Sabe-se que a Austria-Hungria possue uma ordem especial para senhoras, a da «Cruz Estrellada», mas só é conferida ás damas da alta nobreza, as quaes, por esse facto, gosam na côrte de certos privilegios. A titulo de documento, accrescentaremos que no seculo XVIII existia na Austria Hungria uma ordem de Santa Isabel exclusivamente dos militares, tendo sido supprimida com a creação da ordem de Maria Thereza».

Santa Isabel d'Hungria e os Protestantes. — Diz *La Croix:*

O *Frauenthal* (valle de Nossa Senhora), junto a Wartbourg, depois de ter sido illustrado pela vida e pelos soffrimentos de Santa Isabel, viu pela vez primeira depois da reforma um cortejo que se dirigia para Armenruhe, logar dos milagres das rosas.

Santa Isabel d'Hungria contrahira o habito de distribuir á sua porta provisões

para todos necessitados que se apresentassem, e, não podendo os doentes galgar a rocha escarpada em que assenta Wartbourg, descia ella a distribuir-lhes a esmola, a ponto de se chamar ainda hoje a Armenruhe, a «poisada dos pobres».

Resa piedosa tradição que ali mesmo se operára o milagre das rosas.

Um rico proprietario protestante, o snr. Reder d'Eisenach, acaba de levantar ahi um monumento em que se representa em baixo-relevo o milagre das rosas.

O monumento foi inaugurado na segunda-feira de Pentecostes. Dirigiu-se a Frauenthal uma procissão de meninas protestantes, entoando-se no trajecto o *Veni Creator*.

Em Armenruhe o snr. Koheler, director da escola normal d'educadoras, pronunciou o panegyrico da boa Santa, cujo monumento foi em seguida exornado de grinaldas de rosas pelas donzellas do cortejo.

Revista das Revistas

La Zuinzaine (1 d'Agosto).—Max Turmann: O Catholicismoo social: A Encyclica de Conditione Opificum e o movimento social catholico. O judicioso articulista mostra evidentemente como a Encyclica *Rerum Novarum* é a um tempo *conclusão* e *prefacio:* conclusão d'esse movimento social baseado na fraternidade humana, o qual, a bem dizer é a nota dominante d'este fim de seculo: prefacio d'esse mesmo movimento cada vez mais crescente, assás evidenciado nas idéas e nas obras.

A monumental Encyclica precedêra o movimento social catholico iniciado pelos Ketteler, Manning, ibbons.

Max Turmann confronta os principios de Ketteler com os da Encyclica e frisa precisamente os pontos de contacto em que Leão XIII se ajustou com o illustre Bispo de Mayence, e os quaes tambem nós vimos desenvolvendo nas nossas *Reivindicações operarias:* o salario, as horas de trabalho, os dias de repouso, o trabalho das crianças, o das mulheres, o das raparigas, as associações.

Com summo prazer vemos confirmadas no *Catholicismo social* de Max Turmann muitas das nossas idéas exhibidas nos numeros transactos da *Voz de Santo Antonio.*

«D'entre os nomes dos maiores apostolos sociaes que Max Turmann enumera, apparecem entre outros o immortal Manning, o valente Hellepute, o incançavel Leão Harmel, todos membros illustres da Veneravel Ordem Terceira, que a proclamaram mais d'uma vez a alavanca da evolução social.

O insigne articulista nota que «pelo que toca ao capitalismo e aos diversos regimes da propriedade, se forma no mundo actual um trabalho evolutivo d'idéas, semelhante ao que tinha precedido e d'algum modo preparado a publicação da Encyclica *De Conditione Opificum.* Para manter a sua asserção argumentará com o logar preponderante que o exame dos vicios do systema capitalista occupou nos recentes congressos italianos e nas assembléas da *Ordem Terceira de S. Francisco*».

El Mensajero Serafico (Agosto de 1898). — *Fr. Francisco de Mendoza: A Ordem Terceira força do presente.*—Louvado Deus que entre a campanha terrivel do bem contra o mal podemos metter de permeio a Ordem Terceira de S. Francisco, que, por via de sua poderosa força moral, ajude a levar de vencida todos os sequazes de Satanaz.

Tal é o primeiro grito que irrompe após a leitura do precioso artigo do P.e Mendoza.

A necessidade de recorrer *presentemente* á força da Ordem Terceira resalta da mesma perspectiva da sociedade actual, não já «debaixo do ponto de vista economico, politico e administrativo» (que vasto campo para o sociologo christão!) mas especialmente «moral e religioso».

O homem sensato não póde vêr sem pavôr o quadro tetrico que se desenrola ante seus olhos. Tudo «é desordem, intranquillidade, commoção espantosa, desequilibrio social». O homem a revoltar-se contra seu Deus, a baralhar o seu plano providentissimo. A Egreja coberta de lugubre manto, os olhos rasos de lagrimas, deixa ouvir estas palavras: *Filii matris meæ pugnaveriut contra-me.* «Nos que deveriam levar os povos pelas sendas da justiça e da equidade que «descuido e apathia», que «glacial indifferença»! D'um lado é a classe rica entregue vertiginosamente ao «sibaritismo mais desvergonhado»; do outro é a pobreza a estorcer-se e a blasfemar contra Deus.

E que diremos nós da sociedade vista «em toda a sua amplidão? E' universal a

«commoção, grandissima a confusão das «idéas. Pervertem-se corações, extraviam-«se intelligencias; os direitos alheios acal-«canham-se, os deveres proprios descuram-«se, as leis infringem-se. Estudam muitos «os seus direitos, poucos, pouquissimos as «suas obrigações. Todos querem impôr a «sua razão, raros se submettem aos outros.

«De meritos alheios não fallemos: ha «certa gentalha para quem não ha outro «merecimento no mundo a não ser a *pro-«pria* aptidão, o seu merito *pessoal*, os do-«tes do idolatrado *eu*. Outros um pedaço «mais generosos, mas refractarios de lei a «reconhecer meritos nos que não opinam, «julgam e sentem como elles, só vêem boas «qualidades nos de seu bando, facção, ou «partido... Quanta falta de imparcialida-«de! O que não ha ahi de amor proprio! «Que é da virtude santa da caridade?»

D'entre uma tão lamentavel desordem sahe-se espontaneamente com este grito: «*Ordem, reforma, restauração!!*» Resalta evidentemente a necessidade d'uma potencia moral que contrabalance o pendôr da desorientação universal.

Essa potencia, vae o P. Mendoza indical-a com a sua habitual mestria no seguinte numero do *Messageiro;* dizendo-nos desde já que «no seu parecer *a Ordem Terceira de N. P. S. Francisco constitue poderosa força no presente*».

L'Echo de Saint François et de Saint Antoine de Padoue (Agosto de 1898) Fr. Michel Ange de Narbonne: Onde devem estar os Terceiros. — Se as duas primeiras Ordens de S. Francisco não são accessiveis a toda a gente, é-o incontestavelmente a Ordem Terceira.

«A Ordem Terceira, diz o articulista, foi instituida para as multidões. Os monumentos do passado e a experiencia do presente attestam a sua fecundidade para fazer os costumes puros, integros e religiosos».

Tal é tambem o nosso parecer. Não achariamos justo o procedimento dos que negassem o ingresso na Ordem Terceira só pelo facto de serem imperfeitos e immortificados os postulantes.

«Deshonram acaso a Ordem Terceira os Raymundo Lullo, as Margarida de Cortonna, lá pelo facto de terem sido peccadores afamados?»

Se o mesmo S. Francisco não recusava o habito da Primeira Ordem a grandes peccadores!

Fr. Michel Anje recorda com clareza e elegancia os exemplos de Jesus Christo, tão meigo sempre para os peccadores, apezar dos escandalos pharisaicos e, se no céo ha festa pela conversão do peccador, haviam-se de fechar as portas a um desgraçado que reclamasse compaixão e abrigo na Ordem Terceira?

Todavia, não haja confusões. Approvando e inculcando o ingresso dos mesmos peccadores, não se acha no extremo de admittir os que não querem mudar de vida.

Afóra este caso, quer o Padre Michel que a Ordem Terceira abra os braços a todos, pois ella não suppõe mas *faz os verdadeiros* christãos, «quer pelas prescripções da Regra, quer por prohibições salutares que livram do mal...»

«Livremo-nos de excessos. Salvaguardemos a dignidade e a consideração da Ordem Terceira, sem que por isso a façamos inacessivel a *todas boas vontades,* para que um dia, pasmados dos prodigios de santidade que ella tiver realisado, possamos dizer com Leão XIII: *Para mim a minha reforma social é a Regra da Ordem Terceira de S. Francisco.*

Santa Protectora para o mez de Setembro

Santa Rosa de Vilerbo, da 3.ª Ordem. Foi uma verdadeira rosa que perfumou o mundo com o suave cheiro de suas virtudes. Enchida desde logo de celestiaes bençãos, mal roçava ainda os tres annos quando pedia a seu pae a esmola de a deixar ir-se para um aposento retirado para dar-se ahi sem reserva ao trabalho e á oração.

Aos nove annos apparecia-lhe a Santissima Virgem e lhe inculcava a entrada na Ordem Terceira. Infileirada nas hostes de Francisco, fez-se denodada missionaria como elle, atravessava impavida as ruas de Viterbo, sempre com o habito da Ordem, edificando com exemplos depois de ter fascinado com a palavra.

Travou disputas publicas com hereges manicheus e esmagou a sua perfidia. Para testar a divindade da fé catholica não hesitou entrar n'uma grande fogueira onde se conservou illesa por tres horas.

O Imperador Frederico II trepidou diante do seu zelo e teve que a exilar com toda a familia, para livrar-se da influencia popular da Prégadora de Viterbo.

D'esta grande Santa póde dizer-se a palavra da Escriptura: *em poucos dias mediu muitos tempos.* Segundo a opinião mais corrente morreu aos 18 annos: alguem quer que morresse aos 12.

Absolvição geral

No dia 8 — Natividade da Santissima Virgem.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:
1.ª — No dia 4 — Santa Rosa de Viterbo, da 3.ª Ordem.
2.ª — No dia 8 — Natividade da Santissima Virgem..
3.ª — No dia 17 — Impressão das Chagas no Corpo de N. P. S. Francisco.
4.ª — No dia 27 — S. Elzeario, da 3.ª Ordem.

Parciaes:
Nos dias 3, 4, 10, 11, 17, 18, 24, 25, 198 annos e outras tantas quarentenas.
Nos dias 2, 9, 16, 23, 300 dias de indulgencias.
Nos dias 4, 17, 27, 256 annos e 30 quarentenas.

Virtudes a imitar

Bom exemplo em todas as circumstannias da vida, especialmente na adversidade.

Maxima de S. Francisco

Não vos intimideis ante a derisão e a injuria.

Oração

Deus, que vos dignastes de associar á legião das vossas virgens tambem a bemaventurada Rosa, fazei que por suas orações e pelos seus merecimentos nos purifiquemos nós do peccado e subamos depois ao logro perpetuo de Vossa Face lá no céo.

SECÇÃO HISTORICA

SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

CAPITULO VI

O Exilio

TANTA obstinação e contumacia, ultrages tão escandalosos vomitados na cara de todos contra Jesus Christo e o seu Evangelho retalhavam de dôr e enchiam de indignação o coração da joven santa.

Soccorre-se á oração, e desfeita em pranto exora ao Altissimo a que advogue Elle mesmo a sua causa, esmagando com seu braço omnipotente a audacia da sectaria, e fazendo luzir por um prodigio evidente a divindade de sua religião.

A inspiração divina foi-lhe favoravel, e Rosa obteve do Clero que se dobrassem os sinos todos para ajuntar toda a gente de Vitorchiano e suas pertenças [1].

Apinham-se as multidões e annuncia-se a todos que, para dar prova palpavel e inilludivel das excellencias da fé catholica, a Santa entrará n'uma fogueira sem que as chammas lhe toquem.

E' de facto sob a sua direcção que se accende fogueira immensa em pleno terreiro. Ajuntada que foi a madeira mais asada ao intento, posto já o fogo, alentada gigantemente a chamma, quando era o ranger da lenha, o faiscar das chispas e o rolar do fumo, no ponto em que a labareda tombando em furacão impetuoso repellia bruscamente os espectadores, a Santa avança magestosamente, crucifixo em punho, e dá passo firme para a fogueira.

Um grito instinctivo de compaixão e espanto rebenta de todos peitos. Mas qual não é o assombro de que fica passada a multidão quando fitando ainda mais aquelle manto de fogo vê lá dentro a Santa a passear lentamente, tranquillamente até á cima do montão em brazas?

Vêde-a de pé, de braços cruzados por sobre o peito, com os olhos alçados para o céo. Longe de envolver amarguras, aquelle seu rosto esplende delicias: dil-a-hieis embalada no suave leito do extasis, se uma voz que excede o estralejar das madeiras, vos não surprehendesse novamente: é um cantico de acção de graças conjurando as creaturas todas á confissão do Christo Redemptor, á adoração de seu nome e ao reconhecimento do seu imperio.

A chamma que poupou os meninos de Babylonia tambem não apertou a Santa, e, se o apostolo S. João não succumbiu aos ardores do azeite a ferver, a Rosa foram-lhe suave viração as ardencias das brazas.

A massa enorme de materias combustivas empilhadas sob seus pés consome-se pouco e pouco: n'um repente abate-se o bojo d'aquella montanha de brazas e, d'envolta com uma densa nuvem de fumo, scentelhas e chammas, desapparece o corpo da Santa nos despojos do fogo. A subitas, eil-a que se ergue triumphante e, velada de fogo, adianta-se, recua, passeia n'aquelle pedestal de brazas vivas como n'um vergel, ou n'um jardim matizado de flôres [1].

Imagine-se o assombro, o enthusiasmo das multidões em face de prodigio tão inaudito. Apagadas que foram as brazas, o povo lança-se em ondas por sobre a Santa

[1] Acta Proc. can., *(Vita)*.

[1] *Acta Proc. can.* (vita) secunda.

para vel-a de perto, para lhe tocar, para lhe beijar as mãos. Ajoelham-se-lhe aos pés, arrancam-lhe pedaços dos vestidos, forcejam por leval-a em triumpho. A Santa estivera no fogo bem umas tres horas, sem que um cabello da cabeça ou um fio da tunica lhe fosse usurpado pela chamma devoradora. [1]

Este milagre que é um dos mais attestados na vida de Santa Rosa, [2] vibrou o derradeiro golpe na heresia. Nem *um* sectario resistiu ao imperio da graça: a propria manichêa se lhe rendeu após uma tão encadeada resistencia, e, correndo para a santa, cae-lhe aos pés, detesta publicamente o erro e exora-lhe aturada oração para junto da divina misericordia.

Uma tal conversão devia de sêr sincera, e foi. Reconciliada já com a Egreja, reparado o escandalo, levou o resto da vida nas agruras da penitencia. [3]

Estanciou Rosa por muito tempo em Vitorchiano? Não nos é dado responder ao certo. Mas crêmos sinceramente que não se demoraria muito após o prodigio que vimos de relatar. Rosa, para evadir-se novamente ás multidões, apressaria o regresso a Viterbo, cujas portas se lhe franqueavam de novo, vistos os acontecimentos que seguiram a morte de Frederico.

Evangelisou, ao de menos, as localidades contiguas, como o trazem alguns autores? [4] Não repugna: mas os documentos que manuseamos não deixam sobre o assumpto a mais leve suspeita.

Demais, não era já tempo de encimar a sua publica missão? O passamento do despota allemão consummara a desorganisação da facção gibelina, e debalde os filhos do imperador se empenhavam por manter, especialmente na Sicilia, uma dominação que se esboroava em toda a parte.

Estava cheio o fim do apostolado de Rosa: a fé catholica e a causa do Pontifice-Rei marcham em triumpho.

L. DE KERVAL

[1] *Acta Proc. can.*, (vita prima, secunda compendium).

[2] Vem formalmente testado não só nas duas *vidas* que fazem parte das peças do processo da canonisação, mas tambem nos testimunhos, *testimonia*, d'um grande numero de pessoas ouvidas no curso do processo.

[3] *Acta proc. can.* vita. — *Offic. propr.* concedido a Viterbo. (14 Setembro, lições de matinas).

[4] Com especialidade Coretini, Grannelli, Selli.

Pensamentos

Ha duas coisas nas verdades da nossa religião: uma belleza divina, que as faz amaveis, e uma santa magestade que as torna veneraveis.

SANTO AGOSTINHO, *Cartas Provinciaes*, XI.

O coração tem suas razões que a razão não conhece.

PASCAL, *Pensamentos*.

A lei do christianismo é o amor de Deus e dos homens.

J. DROZ, *Pensamentos sobre o Christianismo*.

Um verdadeiro Nazareno (quer dizer, christão), é um philosopho perfeito.

M. d'ARGENS. *Lettres* carta CXLII.

E' deveras banal o systema que prefere a razão á necessidade de crêr.

VOLTAIRE, [1] *Oeuvres*, edição de Kehl, t. LVI.

A fé tende a occupar o posto que a razão deixou vasio, e que a imaginação não poderia occupar.

PORTALIS.

Fé e Duvida

Crêr? Bella e grande coisa é crêr! Crêr pacifica, elucida, dá força, consola, alenta para os combates da vida, tempera a embriaguez da victoria, anticipa as alegrias da recompensa.

Duvidar perturba, abate, isola, tortura. A duvida é o dilletantismo da blasphemia, o becco sem sahida do pensamento, e a vereda sombria que vae ter ao suicidio... A duvida é vento que cresta, fogo que queima e devasta; a fé é orvalho tepido que refrigera e feliza.

P. SENNA FREITAS, *Alma Portugueza*, 19.

Immortalidade

Ha depois d'esta vida ainda outra vida;
Não se reduz a nada um grão de areia,
e havia de a nossa alma, a nossa ideia
nas ruinas do pó ficar perdida?

JOÃO DE DEUS.

Quem é Deus

Deus é um supremo Senhor de infinita magestade e perfeição, de infinita sabedoria, poder e santidade, o qual só de si mesmo é comprehendido.

E' uma luz escurissima por sua muita claridade; um abysmo de perfeições quanto mais conhecidas, tanto mais ignoradas; um ser eterno e incommutavel fonte de todo o sêr creado.

A eternidade é o seu seculo, a immensidade o seu throno, a omnipotencia o seu sceptro.

P.e MANOEL BERNARDES, *Meditaç.*

[1] Apraz-nos imparceirar na linha dos homens sensatos, o *Patriarcha* da incredualidade, que, deslumbrados do fulgor da religião christã, vieram por seu turno genuflectir aos pés da verdade catholica.

ANECDOTAS

Dialogo entre emprezarios :

— Mas o collega acredita em azares? Crê em superstições ?

— Oh, meu amigo. Todas são fundadas. Por exemplo, quando vejo que na plateia do meu theatro não ha senão 13 pessoas... mau signal.

— Que succede ?

— Que não ha *massa* no bilheteiro.

+

Perguntas feitas a um dos 7 sabios da Grecia

1.ª Qual a coisa mais antiga ?
2.ª Qual a coisa mais bella ?
3.ª Qual a coisa maior ?
4.ª Qual a coisa mais commoda ?
5.ª Qual a coisa melhor ?
6.ª Qual a coisa mais veloz ?
7.ª Qual a coisa mais sabia ?
8.ª Qual a coisa mais poderosa ?
9.ª Qual a coisa mais facil ?

Respostas :

1.ª Deus é a coisa mais antiga, porque sempre *foi*.

2.ª O *mundo* é a coisa mais bella, por ser obra de Deus.

3.ª O *espaço* é a coisa maior, por comprehender as outras.

4.ª A *esperança* é a coisa mais commoda, porque perdidos os outros bens, fica este só.

5.ª Nada melhor do que a virtude, porque sem ella não ha coisa boa.

6.ª Nada mais veloz que a mente do homem, porque n'um instante percorre o universo.

7.ª Ninguem mais sabio que o *tempo* que tudo ensina.

8.ª A *necessidade* é poderosa, porque vence tudo.

9.ª Nada mais facil que dar *conselhos*.

10.ª Nada mais difficil que conhecer-se a si mesmo.

+

A' meza d'um hotel um padre estava sendo troçado e chasqueado, mas sem se importar ia comendo tranquillamente.

— O senhor não ouve o que téem estado a dizer a seu respeito ? — perguntou um visinho.

— Ouço muito bem, mas não me incommodo. Eu estou affeito.

— O quê ? Está affeito ?

— Ora se estou ! Sou capellão d'um hospital de malucos...

+

De Julio Simon :

Para os males passados é sempre facil encontrar remedio.

Leituras amenas

O DIABO PRÉGADOR

(LENDA DA IDADE-MÉDIA)

Em pricipios do seculo XIV havia em Luca, cidade de Italia, um convento de franciscanos, que observavam a regra do Santo Fundador em todo seu rigor e austeridade. O espirito de S. Francisco parecia viver n'estes seus filhos, de tal modo submettidos a suas leis, e, sobre tudo, tão addictos á pratica da pobresa, que elle os escolhera para objecto especial de seu amor e predilecção.

Iam todos os dias de porta em porta, pedindo esmolas com que alimentar-se. Viam-n'os de pés nus, o corpo cingido de áspera corda, alforge ao hombro, atravessar as ruas da cidade, recebendo os escassos mendrugos com que a piedade dos fieis corria a matar-lhes a fome, ou conduzindo a paciente azémula com a lenha recolhida aqui e além.

Ao espirito de paciencia e resignação alliavam estes religiosos um exterior de santidade tal, que trazia á memoria Aquelle que, nas ruas de Jerusalem, foi o primeiro a qualificar de Santas a humildade e abjecção. Na epocha a que nos referimos, os habitantes haviam já perdido muito d'aquella caridade, que, em outras occasiões, os movêra a dar esmola aos pobres frades. As riquezas haviam-lhes endurecido o coração ; repelliam aos desprotegidos religiosos com insultos e maldições, apodando-os de *mendigos ociosos*.

Esta resignação, esta doçura de espirito, desgostava muito ao grande inimigo das almas, que via nos frades de Luca os maiores inimigos que tinha na cidade. Resolveu, pois, vencer sua constancia; e, para isso, inspirou ainda mais dureza, egoismo e avareza no animo do povo, que bem depressa começou a ter tal odio e rancor aos religiosos, que o apparecer um d'elles na rua, era fecharem-se logo todas as portas. Cessaram completamente as esmolas, e a miseria ex-

trema começou logo de fazer sentir-se no convento.

*

Vivia então em Luca um homem principal, chamado Luiz, que era o mais rico de todos os habitantes; desposára, havia pouco, uma donzella nobre e virtuosa: foi a ella que o Padre Guardião fez o ultimo recurso.

Octavia (assim se chamava a mulher do commerciante) passava por ter boas disposições em favor da Ordem, pois nunca despedira os frades sem lhes dar alguma coisa pelo amor de Deus.

Era já entrada a noite, quando o religioso encarregado de recolher as esmolas bateu á porta de Luiz, o commerciante. Havia muitas horas que estava fóra do Convento, e o alforge estava ainda completamente vazio; o abatimento, o desconforto, a fome, viam-se estampados no rosto do pobre franciscano. Não obstante a timidez com que elle feriu levemente a porta, o dono da casa, adivinhando qual seria a visita, acudiu em pessoa a abrir; o bom religioso levantou os olhos, contando de encontrar-se com os da piedosa Octavia, mas viu-se na presença do commerciante, que se mostrou altivo, de semblante irado e agitando a mão em ares de quem ameaça.

— «Que fazeis aqui, irmão? — perguntou com um sorriso de escarneo e desdém; ide ao convento a fazer vossas orações, e, se isto não appraz a vossa devoção o piedade, trabalhae como trabalha todo homem honrado. Não queremos aqui vagabundos».

— Perdoai, bom senhor, responde o frade a tremer, vinha para falar á senhora Octavia. Approuve ao Senhor de nos provar cruamente esta semana, que nenhum de nós, em todo este dia, provou bocado; compadecei-vos de nós, que de Deus não vos falhará a recompensa.

E estendeu de novo a mão, a vacillar.

— Deixai em paz a senhora Octavia, que se ella tiver alguma coisa a dizer-vos, não ha de mistér que lh'o lembreis. Retiraevos logo, que não ganho eu meu dinhoiro para dar de comer a todos os mendigos, verdadeiros ou pintados, que se lembrem de vir importunar-me. Ide em paz...

Os transeuntes, que paravam para ser testemunhas d'esta scena, não se furtaram ao prazer de ultrajar de palavras e obras ao pobre frade, atirando-lhe lodo e pedras, e dizendo que com ellas enchêsse o alforge antes de entrar no convento. O bom religioso seguiu seu caminho, e a custo conseguiu fazer que lhe abrissem a porta do mosteiro, pela multidão immensa que se fôra agglomerando atraz d'elle

Os religiosos acudiram ao refeitorio, mas nada havia que comer. Tomaram assento, de olhos baixos, em quanto que um d'elles ia lendo em alta voz, como era costume. No dia seguinte as coisas foram a peór; o governador da cidade, tendo noticia do pequeno alvoroto promovido á porta do commerciante, apresentou-se no convento, e com supplicas e ameaças, procurou convencer aos religiosos a que saissem da cidade, na qual eram detestados, e onde, segundo elle, sua presença era causa de tumultos e desordens. O valor abandonou a muitos religiosos; nenhum, comtudo, ousou de abrir boca em presença do governador; mas, apenas se retirou, começaram de ouvir-se logo murmurios de descontentamento.

— Seria conveniente vender todos os vasos de prata, disse um; será talvez a riqueza de nossa egreja que promove contra nós um tão incendrado odio. Se somos filhos da pobreza, porque não nos serviremos de madeira para os castiçaes, candelabros e altares?

O Padre Guardião escutava o parecer de cada um, sem saber que partido tomar.

— «Nada temais para o futuro; Deus prometteu sua protecção áquelles que fôrem fieis, e suas promessas nunca fôram em vão».

Posto que falasse d'este modo, sua voz tremia, deixando adivinhar que perdia a confiança como os outros religiosos; o triumpho de Satanaz parecia seguro.

Muito bem o sabia elle, que estava no meio d'aquelles homens debeis, enchendo-os de terror e atemorisando-os com sua presença. E elles cediam ás suggestões do maldito... Sua alegria infernal começava já a brilhar; mas devia ser por pouco tempo. A subitas, uma voz, que não lhe era desconhecida, chegou a seus ouvidos annunciando-lhe a proxima queda; era a voz do Archanjo S. Miguel.

—Brilhante luzeiro da manhã, disse o principe das trevas, a que viéste aqui?

—Venho a expulsar-te d'este lugar, e a humilhar uma vez mais o teu orgulho.

—Pois faça-se tua vontade, repõe o maldito; consegui o que desejava: nenhum d'estes frades deixou hoje de duvidar da pala-